

DIFICULDADES NA AMAMENTAÇÃO EM MÃES ADOLESCENTES**DIFFICULTIES IN BREASTFEEDING IN ADOLESCENT MOTHERS****Monize Schwartz GRANIERI¹; Andressa Gomes MELO²; Yonara Franco MUSSARELLI³**

1. *Discente do Curso de Enfermagem da Faculdade Mogiana de São Paulo-UNIMOGI. E-mail: monizeschwartz@unimogi.edu.br*

2. *Mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Enfermagem da Unicamp; Enfermeira na Unidade de Transplante de Medula Óssea do Hospital de Clínicas da Unicamp e Coordenadora e Professora do Curso de Graduação em Enfermagem da Unimogi – SP – Brasil. E-mail: profandressamelo@unimogi.edu.br*

3. *Mestranda em Ciências da Saúde pelo programa de pós-graduação em Tocoginecologia da Unicamp; SP -Brasil; Professora do Curso de Graduação em Enfermagem Unimogi – SP – Brasil. E-mail: profyonara@unimogi.edu.br*

RESUMO

OBJETIVO: Trata-se de uma revisão de literatura visando identificar as principais dificuldades na amamentação em mães adolescentes. **MATERIAL E MÉTODO:** O levantamento bibliográfico foi realizado entre janeiro a junho de 2021, através de buscas em bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e incluídos os artigos publicados nos últimos 10 anos, utilizando os descritores amamentação; adolescência e aleitamento. **RESULTADOS:** As adolescentes que amamentam estão em sua maioria na faixa etária de 16 a 19 anos. Grande parcela de mães adolescentes não chega a amamentar seus bebês por mais de seis meses, muitas destas por apenas cinco semanas. Para que a mãe adolescente desenvolva um bom aleitamento é importante que tenha uma rede de apoio, visto que amamentar não é apenas um ato instintivo, mas um aprendizado. O apoio que a mãe receberá durante a amamentação exercerá papel fundamental frente ao seu sucesso. **CONCLUSÃO:** Observou-se que uma boa rede de apoio é fundamental para promover e manter o aleitamento pelo tempo recomendado. Muitos dos problemas relatados pelas adolescentes referentes a amamentação, poderiam ser sanados com um bom acompanhamento profissional, sendo de extrema importância a presença do enfermeiro durante o pré-natal passando as informações necessárias de maneira clara e didática.

Palavras-chave: Amamentação; Adolescência; Aleitamento

ABSTRACT

OBJECTIVE: This is a literature review aimed at identifying the main difficulties in breastfeeding in adolescent mothers. **MATERIAL AND METHOD:** The bibliographic survey was carried out between January and June 2021, through searches in databases of the Virtual Health Library and included articles published in the last 10 years, using the descriptors breastfeeding; adolescence and breastfeeding. **RESULTS:** Adolescents who breastfeed are mostly between 16 and 19 years old. A large proportion of teenage mothers do not breastfeed their babies for more than six months, many for just five weeks. For the teenage mother to develop good breastfeeding, it is important to have a support network, since breastfeeding is not just an instinctive act, but a learning process. The support that the mother will receive during breastfeeding will play a key role in her success. **CONCLUSION:** It was observed that a good support network is essential to promote and maintain breastfeeding for the recommended time. Many of the problems reported by the adolescents regarding breastfeeding could be solved with a good professional follow-up, and the presence of the nurse during prenatal care is extremely important, passing the necessary information in a clear and didactic way.

Keywords: Breast-feeding; Adolescence; lactation

Recebimento dos originais: 06/02/2022.

Aceitação para publicação: 10/03/2022.

INTRODUÇÃO

Amamentar é a melhor maneira para se desenvolver o vínculo natural entre mãe e filho. Sendo este importante nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento das capacidades humanas. Os distúrbios que atingem o ser humano nessa fase podem ocasionar graves consequências na vida adulta (BRASIL, 2015).

O Leite materno é a fonte ideal de nutrição para o ser humano, já garantindo em sua fórmula quantidades necessárias de água, carboidratos, lipídeos e proteínas para que a criança se desenvolva, além de estar associado a menores índices de doenças alérgicas, melhor desenvolvimento cognitivo, maior escolaridade, melhor desenvolvimento craniofacial e motor-oral, assim como menores problemas na articulação dos sons da fala, má oclusão dentária e respiração, sendo ainda um ótimo meio para o desenvolvimento de vínculo entre mãe e filho, servindo como fonte de amor, carinho e conforto para o bebê, auxiliando no seu desenvolvimento psíquico e emocional (NUNES, 2015)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses. Porém, no Brasil, o AME vem diminuindo a cada ano. Dentre os motivos para a diminuição, destacam-se os fatores sociais e culturais, visto que a amamentação não é um comportamento instintivo (SUÁREZ-COTELO *et al.*, 2019). Percebe-se que a decisão da mulher em amamentar sofre grande influência do contexto familiar em que está inserida. Pondera-se que a amamentação dentro de um contexto social é ensinada entre as mulheres de diferentes gerações, tornando-se um processo cultural. Sendo assim, a amamentação pode vir cercada por mitos e crenças herdadas dentro do contexto familiar e social (CREMONESE, 2016).

O Aleitamento Materno (AM) é muito benéfico tanto para a mãe quanto para o bebê. Previne diversas doenças no bebê, propiciando o seu desenvolvimento e reduzindo ainda a incidência da obesidade. Proteção contra o câncer de mama é um dos benefícios do AM para a mãe, podendo também evitar uma nova gestação nos primeiros seis meses pós-parto, além de promover maior vínculo mãe-filho. Mesmo com todas as vantagens proporcionadas pelo AM, muitas ainda são as dificuldades que chegam até a impedir o aleitamento. A idade materna, o nível de instrução, a situação socioeconômica são fatores importantes quanto às dificuldades. Falta de apoio emocional, imaturidade, ocupação com os estudos e a anatomia das mamas também são importantes fatores que dificultam o aleitamento, acarretando em problemas de saúde tanto para a mãe quanto para o bebê (ARRUDA, et al, 2018).

A adolescência é marcada por um período de transição e grandes modificações. A adolescente que precisa ainda lidar com o processo de amamentação, passando por este contexto repleto de novas demandas, experiências e responsabilidades, necessitará de atenção diferenciada e bem estruturada da equipe de saúde e também de sua rede de apoio. Frente a todo esse complexo cenário, grande parte das mães adolescentes tendem a não apresentar uma boa adesão à amamentação e grande probabilidade de desmame precoce. Estudos demonstraram que a mãe adolescente tende a diminuir o aleitamento conforme o crescimento do bebê (CREMONESE, 2016). A gravidez na adolescência é um grande problema de saúde pública, impactando no desenvolvimento psicossocial e econômico da mulher e influenciando na saúde da criança que foi gerada, pois o aleitamento materno previne várias comorbidades infantis. As adolescentes por estarem inseridas em seu próprio processo de desenvolvimento ainda tendem a

apresentar maiores dificuldades para o aleitamento materno e conseqüentemente o abandono deste precocemente. É importante que profissionais de saúde conheçam os fatores que levam as adolescentes a desistirem do AME e assim elaborarem maneiras de auxiliá-las a manterem o aleitamento pelo tempo recomendado'. Essa responsabilidade é principalmente dos enfermeiros, que têm maior contato com as adolescentes nas unidades básicas de saúde e em suas residências. O objetivo deste artigo foi analisar frente à revisão bibliográfica a amamentação em mães adolescentes, quais as maiores dificuldades sobre o aleitamento materno enfrentadas por elas e os impactos psicossociais relacionados.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico tipo revisão integrativa realizada por um percurso metodológico composto por seis etapas: 1º estabelecimento da questão da pesquisa, 2º a busca na literatura, 3º a avaliação dos dados, 4º análise dos estudos incluídos na revisão, 5º a interpretação dos resultados e 6º apresentação da revisão (CROSSETTI, 2012).

O método de revisão integrativa permite a combinação de diversas metodologias e tem o potencial de desempenhar um papel abrangente na prática baseada em evidências para a enfermagem, permitindo buscar, avaliar e sintetizar as evidências disponíveis sobre determinado tema (WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

A questão norteadora deste estudo foi “Como as mães adolescentes enfrentam as dificuldades relacionadas à amamentação?”

O levantamento bibliográfico foi realizado entre janeiro a junho de 2021, através das buscas em bases científicas indexadas como *Scientific Eletronic Librany Online* (SCIELO), Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), bem como os relatos oficiais do Ministério da Saúde do Brasil e através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores amamentação; adolescência; aleitamento.

O objeto deste estudo foi constituído de artigos de pesquisas sobre a experiência da amamentação vivenciada pelas mães adolescentes e as dificuldades encontradas por elas. Como critérios de inclusão foram selecionados os estudos disponibilizados na íntegra nas bases de dados científicos, publicados nos últimos 10 anos, no idioma português, citados uma única vez e que abordam o tema estudado. Foram excluídos estudos de revisão, relato de experiências e os que apresentaram duplicidade nas bases de dados.

A seleção das publicações apresentou três etapas. Na primeira etapa foram eliminados os artigos duplicados nas bases de dados; na segunda, ocorreu à leitura do título e do resumo dos artigos restantes, excluindo aqueles que não se adequavam ao objetivo da revisão; e na última fez se a leitura na íntegra dos artigos descartando aqueles que de fato não se adequavam ao objetivo da revisão (CROSSETTI, 2012).

Na seleção dos estudos foram seguidas as recomendações do PRISMA (MOHER et al., 2010), conforme demonstrado na figura 1, na seleção de documentos levantados e consultados nas bases de dados e suas etapas de sistematização. A análise dos dados e apresentação da revisão de forma descritiva possibilita avaliar a literatura disponível e proporciona subsídios para tomadas de decisão, avaliando assim as lacunas existentes do conhecimento para a construção de futuras pesquisas.

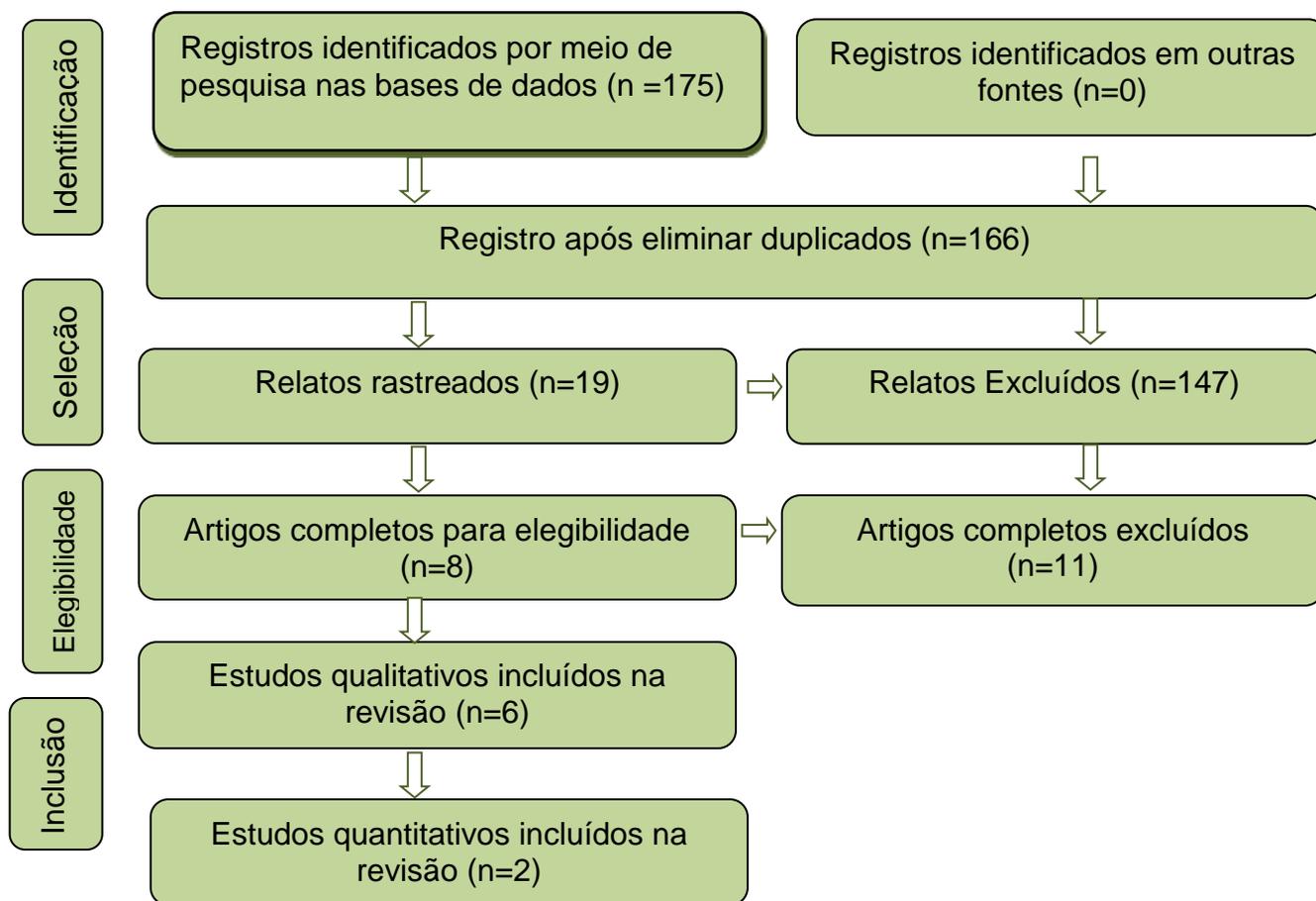


Figura 1 – Fluxograma do processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos, realizado a partir da recomendação do PRISMA (MOHER et al., 2010).

Fonte: A autora, 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das literaturas escolhidas para amostra deste trabalho foi realizada leitura exaustiva para extração dos resultados que foram organizados no Quadro 1 para facilitar a compreensão do leitor.

Foram levantadas três categorias relacionadas ao tema com grande relevância ao assunto.

QUADRO 1 – Caracterização dos estudos incluídos.

Código do Estudo	Título	Autor(a) Principal	Revista	Ano	Objetivo do Estudo
01	Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades	Sehnem, G. D.	REUFMS – Revista de Enfermagem da UFSM	2016	Compreender a vivência da amamentação em mãos adolescentes.
02	A interferência relativa das avós no aleitamento materno de suas filhas adolescentes.	Queiroz, P. H. B.	Revista Brasileira Promoção Saúde	2016	Compreender a influência das avós no exercício e duração do aleitamento materno de suas filhas adolescentes, nos primeiros seis meses de vida da criança.
03	A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural.	Cremonese, L.	REUFMS – Revista de Enfermagem da UFSM	2016	Conhecer como foi culturalmente construída a decisão de amamentar, durante a adolescência, por um grupo de mulheres.
04	Construção e validação de jogo educativo para adolescentes sobre amamentação.	Silva, A. K. C.	Revista Baiana de Enfermagem	2017	Construir e validar jogo educativo para adolescentes sobre amamentação.
05	Efeito de intervenção no cumprimento das recomendações alimentares no primeiro ano de vida: ensaio clínico randomizado com mães adolescentes e avós maternas.	Nunes, L. M.	Caderno de Saúde Pública	2017	Avaliar o efeito de intervenção pró-alimentação saudável direcionada a mães adolescente e avós maternas no cumprimento das recomendações alimentares no 1º ano de vida.
06	Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes.	Guimarães, C. M. S.	Acta Paulista de Enfermagem	2017	Verificar a associação entre a autoeficácia na amamentação e os fatores sociodemográficos e objetivos das adolescentes.
07	Perfil das nutrizes adolescentes e características relacionadas	Arruda, G. T.	Arq. Ciência Saúde UNIPAR	2018	Analisar o perfil de nutrizes adolescentes e as características

	ao aleitamento materno em uma cidade do sul do Brasil.				relacionadas ao aleitamento materno desta população em uma cidade do sul do Brasil.
08	Autoeficácia do aleitamento materno em adolescentes do norte brasileiro.	Margotti, E.	Revista Brasileira de Ciências da Saúde	2019	Avaliar a autoeficácia em amamentar entre mães adolescentes atendidas em hospital amigo da criança em Belém.

Fonte: A autora, 2021.

Categoria 1 - O perfil da adolescente que amamenta e o que influencia no prolongamento desse período

A gestação na adolescência tem sido um fato cada vez mais comum, sendo constatado que a incidência de bebês de mães adolescentes corresponde a 20% do total de nascidos vivos no Brasil. Logo, conhecer o perfil dessas adolescentes é essencial para melhor atendê-las e desta forma promover qualidade de saúde a este binômio, visto que essa fase é por si só um período de extremas mudanças nos aspectos psicológicos, físicos e sociais. Na gestação e puerpério a mulher também vivencia grandes mudanças, podendo gerar ansiedade e impactar a maneira como essa adolescente lidará com a amamentação, podendo influenciar o desmame precoce (SEHNEM, et. al., 2016).

De acordo com Margotti e Viegas (2019) as adolescentes que amamentam estão em sua maioria na faixa etária de 16 a 19 anos, são mães de único filho, possuem 1º grau incompleto e tendem a abandonar os estudos após o nascimento do bebê. Possuem união estável com o pai da criança, não trabalham fora e dependem da renda do companheiro ou responsáveis. Tiveram parto normal com 38 a 40 semanas de gestação. A maioria das adolescentes também realizam o acompanhamento do pré-natal com pelo menos cinco consultas, o que ainda não representa a quantidade ideal, mas já permite que sejam realizadas orientações adequadas.

Foi identificado que quanto maior a idade da adolescente maior será o tempo em que essa irá amamentar e quanto maior a escolaridade maior a possibilidade de prolongamento desse aleitamento. O apoio do companheiro, mães e avós também é um fator determinante neste cenário (MARGOTTI e VIEGAS, 2019). O incentivo ao aleitamento materno é essencial haja vista que a diminuição ou abandono deste pode ser caracterizado como um problema de saúde pública, pois o bebê fica suscetível a graves problemas de saúde (ARRUDA, et. al., 2018).

Arruda et. al (2018) afirmam que apesar dos maiores benefícios da amamentação há grandes dificuldades enfrentadas pelas adolescentes também, como por exemplo, fatores socioeconômicos, baixa escolaridade, imaturidade, falta de apoio emocional, desenvolvimento corporal em andamento, entre outras dificuldades relacionadas a idade. Porém, a grande maioria das queixas que levam ao desmame precoce poderiam ser sanadas com o apoio e orientação dos profissionais de saúde que acompanham a adolescente.

De acordo com Guimarães et. al (2017) é necessário que a adolescente se sinta capaz e confiante para a tarefa de amamentar e o pré-natal é o melhor momento para desenvolver essa confiança.

Um estudo americano evidenciou que uma grande parcela de mães adolescentes não chega a amamentar seus bebês por mais de seis meses. Muitas amamentam por apenas cinco semanas (SEHNEM, et. al., 2016). Conforme o crescimento do bebê ocorre uma diminuição na amamentação por parte das mães adolescentes. Segundo Cremonese et. al (2016), 60% de mães adolescentes amamentam seus bebês durante o seu primeiro mês de vida; no segundo mês 26,3% das mães adolescentes já iniciam alimentação complementar; e no terceiro mês de vida do bebê, o percentual de mães em AM cai para 10%.

Já um estudo realizado nas capitais brasileiras demonstrou que o AME dura em média apenas 52 dias, e o AM cerca de 11 meses. Sendo que menos de 10% das mães amamentam seus bebês exclusivamente até os seis meses de idade e 45,5% das mães levam o aleitamento até o primeiro ano de vida do bebê ou mais (NUNES et. al., 2017).

Categoria 2 - A importância da rede de apoio para a amamentação na adolescência

SEHNEM et al (2016) afirmam que a mãe adolescente precisa de apoio para que desenvolva um bom AME, visto que amamentar não é apenas um ato instintivo, é um aprendizado que envolve tempo e prática. É importante que a adolescente seja estimulada, apoiada e ensinada. O apoio da família e dos amigos apresenta um papel fundamental quando estes lhe ofertam informação e conhecimento de boa qualidade, aumentando assim a probabilidade de uma adesão eficaz do AM, podendo ainda fortalecer a manutenção do mesmo.

Conforme afirmam Cremonese et al (2016), a decisão de amamentar dentro do ambiente doméstico é influenciada pela história da amamentação vivenciada pela família, ou seja, mulheres identificam as experiências vividas por outras mulheres da família, o que implica diretamente na sua decisão de amamentar.

Ainda dentro do contexto do ambiente doméstico, as mães adolescentes podem receber todo o apoio e acolhimento necessários para organizarem e conciliarem as atividades domésticas e pessoais, com o cuidado ao bebê. Arruda et al (2018) revelam que a presença do pai no convívio familiar pode influenciar no AM, visto que mães que moram com o companheiro acabam por amamentar por mais tempo comparado às mães solteiras.

Sob o ponto de vista da rede de apoio estendida, amamentar, além de ser a alimentação mais saudável para o bebê, é ainda uma obrigação das mães. Apesar dessa crença ser o que move a influência da rede de apoio frente a amamentação, quando as pessoas envolvidas nessa rede não obtiveram uma boa experiência ao amamentar seus próprios filhos, acabam sendo mais reservadas em sua função de apoiar o AM da adolescente, frente a sua própria limitação pessoal quanto ao AM. As avós, sejam mães ou sogras, demonstram o mesmo grau de influência sobre a adolescente. Mesmo com a forte influência exercida sobre as novas mães, sua rede de apoio, em grande maioria, demonstra apoio e respeito frente às escolhas das mães adolescentes, mantendo-se bem presente no puerpério, mas abrindo espaço com o passar do tempo, dando a possibilidade para as mães assumam a responsabilidade total pelos cuidados do bebê (QUEIROZ, et. al., 2016).

SEHNEM et. al (2016) ressalta a importância da orientação referente à amamentação conciliando conhecimentos técnicos científicos com o popular, possibilitando assim que as mães possam tomar as melhores decisões referentes tanto a saúde do bebê, quanto para a sua própria saúde. Assim sendo, o apoio da família e amigos, em conjunto com o bom acolhimento do profissional de saúde, favorecem muito no fortalecimento do vínculo entre mãe e bebê, além de auxiliarem-nas a superarem as dificuldades advindas do aleitamento.

Categoria 3 - O fundamental papel do enfermeiro frente à amamentação na adolescência

Considerando que a grande maioria das dificuldades encontradas durante o AM advém da falta de informação e acompanhamento profissional, o apoio que a mãe receberá durante a amamentação exercerá papel fundamental frente ao sucesso do mesmo. Além de um acompanhamento de qualidade durante o pré-natal o enfermeiro ainda precisa prestar assistência integral à mãe em todos os períodos do acompanhamento, podendo assim sanar possíveis dúvidas sobre o AM.

Ações de saúde voltadas à comunidade estimulam uma mudança no estilo de vida de seus indivíduos, dando-lhes mais autonomia e protagonismo em suas decisões sobre saúde. Tais práticas podem acontecer sob uma infinidade de técnicas e materiais, e ainda ocorrerem de forma individual ou coletiva (SILVA, et al 2017).

Para que o enfermeiro possa oferecer um cuidado baseado nas necessidades de saúde e respeitando suas crenças, valores e cultura, é necessário que ele conheça o processo de construção da decisão de amamentar ou não, dentro da realidade cultural de cada mãe. Assim sendo, o enfermeiro obterá informações para que desenvolva ações de saúde específicas para determinado público e uma assistência de qualidade para cada mãe.

A assistência integral à adolescente engloba o cuidado a partir de seu contexto cultural, sendo essencial o respeito por cada crença, credo, costumes e também sobre a maturidade de cada adolescente. Conhecer e compreender o contexto cultural frente às decisões de cada indivíduo é papel fundamental do profissional de saúde, pois assim é possível identificar padrões culturais que afetam suas decisões e condutas.

Na área científica, a cultura é apontada como fundamental na atuação do enfermeiro, facilitando assim o processo de cuidado de cada indivíduo e auxiliando no cuidado assistencial (CREMONESE et al, 2016). Arruda et. al. (2018) destaca a importância do acompanhamento da equipe de enfermagem durante o pré-natal, nos cuidados com a saúde mental e emocional das mães adolescentes, favorecendo que o AM se torne algo prazeroso, promovendo vínculo entre mãe e bebê. Uma boa assistência durante o pré-natal promove ainda o vínculo entre a nutriz e o profissional de saúde, fazendo com que a mãe crie confiança no profissional para que possa aderir as orientações oferecidas por ele quanto ao AM, podendo ainda reduzir futuras queixas durante a amamentação, devido ao apoio e orientação já fornecidos pelo profissional que a acompanhou.

É de extrema importância a ação de profissionais comprometidos com o AME, desde o início da vida reprodutiva da mulher, durante o pré-natal e minimamente até que o bebê complete seus primeiros

seis meses de vida. A decisão da mãe em amamentar ou não, é embasada em informações atualizadas e compreensíveis sobre a importância do AM sobre a saúde de seu filho em curto e longo prazo.

Os profissionais têm papel fundamental em todo o processo do AM visto que são as pessoas mais próximas às mães, vivenciando o aleitamento junto às mães e aos bebês. Ao incluir pessoas de confiança e significativas para as mães adolescentes, o enfermeiro ainda tem a oportunidade de ampliar o cuidado ao unir conhecimentos técnicos científicos à experiência cultural e particular de cada uma, reforçando desta forma a rede de apoio, protegendo, promovendo e fortalecendo assim o AM (QUEIROZ, et al., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez na adolescência vem se tornando cada vez mais comum, e por isso é importante conhecer o perfil dessas mães para que se possa dar uma assistência de qualidade, visto que tanto a adolescência quanto a gestação, puerpério e amamentação também exercem grandes mudanças físicas, sociais e psicológicas na mulher. Dada a importância do AM para a mãe e principalmente para o bebê, é fundamental conhecer as dificuldades apresentadas por essas mães e buscar maneiras de promover, apoiar e proteger a amamentação junto às adolescentes.

Uma boa rede de apoio é fundamental para promover e manter o AM pelo tempo recomendado ou mais. Ter alguém de confiança durante o início da amamentação, dando suporte para solucionar os problemas advindos com o AM e também para as dificuldades já existentes referentes à idade e contexto social em que a mãe está inserida, ajudará a prolongar o tempo de amamentação.

O enfermeiro é a pessoa mais próxima à mãe que poderá acompanhar durante toda sua vida reprodutiva, dando todo o suporte técnico e também emocional que a adolescente necessitará para que tenha sucesso no aleitamento. Mediante isso, espera-se que esse estudo possa dar um novo olhar aos profissionais da saúde quanto ao aleitamento materno na adolescência, ressaltando que cada indivíduo é único e ao profissional cabe conhecer suas particularidades para que possa dar uma assistência individualizada e eficaz.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, G.T. et. al. Perfil das nutrizes adolescentes e características relacionadas ao aleitamento materno em uma cidade do sul do Brasil. Umuarama, v. 22, n.1, p.23-26. jan/abr, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Cad. 23. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.
- CREMONESE, L. et. al. A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural. Revista de Enfermagem da UFSM. Rio Grande do Sul. V 6, n3. p.317-326. jul/set, 2016.
- CROSSETTI, M.G.O. Integrative review of nursing research: scientific rigor required. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, 33(2):12-3, 2012.
- GUIMARÃES, C.M.S. et al. Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 109-15, 2017.
- MARGOTTI, E; VIEGAS, N.T. Autoeficácia do aleitamento materno em adolescentes do norte brasileiro. Revista Brasileira de Ciências da Saúde. Pará. v.23 n. 4. p.543-554, 2019.

- MOHER, D. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *International Journal of Surgery: Elsevier BV*; 8(5):336–41, 2010.
- NUNES, L.M. et al. Efeito de intervenção no cumprimento das recomendações alimentares no primeiro ano de vida: ensaio clínico randomizado com mães adolescentes e avós maternas. *Cadernos de saúde pública. Rio Grande do Sul*. v. 33, n. 6. p.1-13, 2017.
- NUNES, L.M. Importância do aleitamento materno na atualidade. *Boletim Científico de Pediatria. Rio Grande do Sul*. v. 4, nº3. p 55-58, 2015.
- QUEIROZ, P.H.B. et. al. A interferência relativa das avós no aleitamento materno de suas filhas adolescentes. *Revista brasileira promoção a saúde. Fortaleza*. v.29, n. 2. p.253-258. abr/jun, 2016.
- SILVA, A.K.C. et. al. Construção e validação de jogo educativo para adolescentes sobre amamentação. *Revista baiana de enfermagem. Bahia*. v. 31, n.1. p.1-10, 2017.
- SEHNEM, G.D. et al. Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades. *Revista de Enfermagem da UFSM. Rio Grande do Sul*, v. 6 n. 4. P.578-588, out/dez, 2016.
- SUÁREZ-COTELO, M.D.C., et al. Conhecimentos sobre aleitamento e a relação com a sua prevalência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo*, v.53, p. 1-9, 2019.